



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ROSINES JUSTINO ROCHA

**A HISTÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA: UM
ESTUDO SOBRE A LIGA DE SAPÉ.**

SUMÉ-PB

2014

ROSINES JUSTINO ROCHA

**A HISTÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS E SUA
CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA:
UM ESTUDO SOBRE A LIGA DE SAPÉ.**

**Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Campina Grande,
Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido , como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

**Orientador: Professor Dr. Paulo César Oliveira
Diniz.**

SUMÉ - PB

2014

A669m Rocha, Rosines Justino.

A história das ligas camponesas e sua contribuição para o ensino de sociologia : um estudo sobre a liga de Sapé. / Rosines Justino Rocha. – Sumé - PB: [s.n], 2014.

46 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Oliveira Diniz

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Liga camponesa – Sapé - PB. 2. Movimentos sociais. 3. Ensino de sociologia. 4. João Pedro Teixeira. I. Título.

CDU: 316.343:37 (043.3)

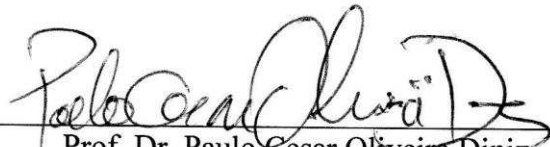
ROSINES JUSTINO ROCHA

**“A HISTÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
ENSINO DE SOCIOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE A LIGA DE SAPÉ”**

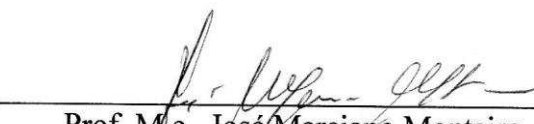
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Ciências Sociais.

Aprovada em: 24/04/2014

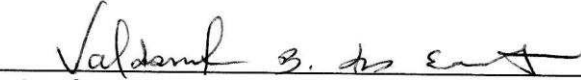
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paulo Cesar Oliveira Diniz
(Orientador – UFCG/CDSA)



Prof. M.e. José Marciano Monteiro
(Examinador Titular – UFCG/CDSA)



Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
(Examinador Titular – UFCG/CDSA)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus autor e consumidor da minha fé, a minha mãe e meu pai pelos seus esforços, amor e carinho incondicional.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por sua infinita bondade e misericórdia; por ter me concedido o dom da vida e ter me dado forças para superar todos os obstáculos que surgiram, inclusive, a saudade de casa. Senhor, sem ti não sou nada.

Aos meus pais, Romilda Justino Rocha e Jose Rocha Justino, por seu total apoio, incentivo, amor e carinho; por estarem ao meu lado em todas as horas; por terem me apoiado nessa aventura de viver longe de casa; por entenderem as vezes que não pude comparecer a tantos momentos em família. Mãe e Pai, amo vocês incondicionalmente.

As minhas irmãs Roseane Rocha e Roseilma Rocha, minha sobrinha Emília Raquel, pelo amor e carinho.

A todas as minhas tias e tios pelo incentivo para continuar nessa jornada, tantas vezes espinhosa, Tias vocês são minha inspiração, verdadeiros exemplos de mulheres e profissionais. Em especial as minhas tias Marta Rocha e Severina Rocha que me ajudaram muito a me manter longe de casa.

Aos meus avós maternos Esmeralda Avelino e Sérgio Justino que mesmo de longe emanavam seus pensamentos positivos; aos avós paternos Tereza Rocha e Antônio Severino, pelo amor e apoio. Vovó Tereza, obrigada pelas vezes que orou por mim nas madrugadas; pelas vezes que me mandava ir para igreja agradecer a Deus. Sou grata a Deus de pertencer a essa família e por ser a primeira neta a concluir um curso superior.

Ao meu amor, Elson Gerson, pelo seu apoio, por me compreender quando não podia te dar atenção e por me fazer companhia.

Às minhas amigas que tanto me incentivaram e torceram por mim. Às amigas da infância, por nunca terem me abandonado, Fernanda Micaelle, Daniele Rodrigues, por me estimular a continuar e me perdoar quando falhei com vocês; pelas palavras de coragem quando pensava que não ia conseguir.

À minha família da casa sete: Ana Ligia, Carleanne Fernandes, Raiane Lima, Maria Katiany, Laryssa de Caldas, Micaeli Arruda pelos conselhos; por ter aprendido muito com vocês; por terem cuidado de mim quando estava doente. Como vou viver sem vocês? Obrigada por serem essas pessoas de fé que sempre emanaram pensamentos

positivos e sempre acreditaram e confiaram em mim. Amizade e irmandade que levarei para o resto da minha vida.

As minhas Amigas irmãs pelos tantos momentos juntos, Gillianne Nunes, Tamyres Dauanna, Aparecida Gomes, Aline Silva, Duilia Dalyana, Juliana Feitosa, Andréa Carla, por todas as vezes que vocês me ouviram, por me acolherem quando estava sozinha, por estarem sempre ao meu lado. Recebemos muitas críticas, mas hoje essa nossa vitória é pra mostrar a quem não acreditava nas “socilindas” que nós somos capazes sim. Amo vocês com um amor de irmãs, mesmo que a gente fique longe e até perca o contato vou sempre lembrar de vocês com amor.

Ao meu orientador prof. Dr. Paulo Cezar Diniz pela orientação, paciência e ensinamentos; por ser um exemplo de professor e humildade.

Ao projeto PIBID por todo aprendizado proporcionado a mim durante os anos que participei.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do CDSA, por seus ensinamentos.

EPIGRAFE

“Tu és como os teus irmãos quase todo o Brasil. És tu quem mata a nossa fome. E morre de fome. És tu quem nos veste. E vive de tanga. Dás o soldado para defender a pátria. E a pátria te esquece. Dás o capanga para o latifúndio. E o capanga te esmaga. Dás esmola para a igreja. E a igreja te pede resignação em nome de Cristo. Muitos são os caminhos que te levarão a liberdade. Liberdade quer dizer terra. Quer dizer pão. Quer dizer casa. Quer dizer remédio. Quer dizer Escola. Quer dizer paz. Eu te apontarei esses caminhos. Mas eu te digo e repito: não adiante a viagem se tu fores sozinho. Convida seu irmão sem terra ou de pouca terra. E pede que ele convide outro. No começo serão dois. Depois, dez. Depois, cem. Depois, mil, E no fim serão todos.[...]”

Carta de alforria do Camponês

(Francisco *Julião*)

RESUMO

O presente trabalho buscou apresentar a história das Ligas Camponesas no Nordeste, em especial a Liga Camponesa da cidade de Sapé na Paraíba; analisar os livros didáticos de sociologia adotados pelo MEC: Sociologia para o Ensino Médio de Nelson Tamazi(2007) e Tempos Modernos Tempos de Sociologia(2010) das autoras Helena Bomeny, Bianca Freire Medeiros, Julia O'Donnell e Raquel Emerique; e dessa forma, compreender como a temática dos Movimentos Sociais estão sendo trabalhadas no ensino médio. Através de análise de materiais referentes aos primeiros anos de surgimento das Ligas Camponesas, como livros, artigos, jornais, descrever a importância da história de João Pedro Teixeira e suas lutas por melhores condições de vida e por direitos para os camponeses. A análise deste trabalho é uma análise descritiva, com abordagem qualitativa de técnica de pesquisa bibliográfica e de pesquisa documental. Concluímos que a contribuição das Ligas Camponesas para os Movimentos Sociais foi algo de extrema importância, porque o que se ouve sobre reforma agrária, foi por intermédio das lutas e ações das Ligas Camponesas.

Palavras Chave: Ligas Camponesas, Movimentos Sociais, João Pedro Teixeira.

ABSTRACT

This paper aims to present the history of peasant leagues in the Northeast , especially the Peasant League City Thatcham Paraíba ; analyze the sociology textbooks adopted by the MEC : Sociology for High School Tamazi Nelson (2007) and Modern Times Times of Sociology (2010) the authors Helena Bomeny , Bianca Freire Medeiros , Julia and Rachel O'Donnell Emerique ; and thus understand how the theme of Social Movements are being worked on in high school . Through analysis of material relating to the early years of the appearance of the Peasant Leagues , such as books , articles , newspapers , describing the importance of the history of Teixeira and their struggle for better living conditions and rights for peasants . The analysis of this paper is a descriptive analysis with a qualitative approach to technical literature and documentary research . We conclude that the contribution of the Peasant Leagues for Social Movements was something extremely important , because what you hear on agrarian reform was through the struggles and actions of the Peasant Leagues.

Keywords: Peasant Leagues, Social Movements, João Pedro Teixeira

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO	13
1.1 MOVIMENTOS SOCIAIS	13
1.2 MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS.....	14
1.3 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA.....	15
2. SURGIMENTO DAS LIGAS.....	19
2.1 A HISTÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS.....	19
2.3 ORGANIZAÇÃO DA LIGA	22
2.4 ESTRATÉGIAS DE LUTAS.....	24
3. REPRESSÃO E REPERCUSÕES	27
3.1 REPRESSÃO.....	27
3.2 ASSASSINATO DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA.....	29
3.3 REPERCUSSÕES DA MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA	34
3.4 MEMORIAL DAS LIGAS CAMPONESAS.....	36
4. MATERIAL DIDÁTICO	37
4.1 TEXTO PARA AULA SOBRE AS LIGAS CAMPONESAS	37
4.2 AS LIGAS CAMPONESAS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Na nossa sociedade o tema Ligas Camponesas, tema bastante relevante para a sociologia ainda é desconhecido por muitos e quando conhecido, é chamado de comunista e arruaceiro. Mas como um tema tão importante pode ser desconhecido? Como uma história de luta e sofrimento pode ser esquecida? Ignorada por muitos, muitas vezes vista como inútil?

Baseando-se na análise dos livros didáticos Sociologia Para o Ensino Médio de Nelson Tomazi (2007) e Tempos Modernos Tempos de Sociologia com autoria de Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Julia O'Donnell e Raquel Emerique, podemos perceber a ausência dessa temática tão importante.

É visível o desconhecimento das pessoas sobre a temática, e que na Paraíba tivemos um dos maiores núcleos das Ligas Camponesas do País. Poucos sabem que tantas pessoas morreram pela tão sonhada Reforma Agrária e por melhores condições de vida nos campos, como João Pedro Teixeira e tantos outros.

Por meio das minhas vivências como bolsista no Programa Institucional de bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) observei o quanto o assunto Movimentos Sociais do Campo passam despercebidos dentro da sala de aula. Também percebi a ausência da temática, em um dos dois livros já citados acima.

O interesse de estudar esse tema surgiu quando, no ano de 2012, fui à cidade de Sapé, sob a direção do professor Isaac Alexandre, para aniversário dos 50 anos de morte de um dos maiores líderes das Ligas Camponesas, João Pedro Teixeira, e inauguração do Memorial das Ligas, onde tivemos o prazer de conhecer Elisabeth Teixeira, (viúva de João Pedro) de ouvi-la contar um pouco da sua história. Aquela história me fascinou mais ainda, pois via no rosto daquelas pessoas que ali estavam presentes o desejo de uma vida melhor e ainda o desejo da tão esperada e sonhada Reforma Agrária pela qual João Pedro Teixeira sempre lutou. Porém fiquei um pouco revoltada por eu não conhecer aquela história, se foi uma história tão importante para a Paraíba e para o Brasil, porque nós não estudamos esse assunto na escola. Nossos professores muitas vezes nos apresentam revoluções que aconteceram em outros Países em outras regiões e esquecem a nossa própria história.

Dentro desse contexto este trabalho tem como objetivo geral a construção de um material didático para ser utilizado nas aulas de sociologia; lembrar a importância das Ligas Camponesas no nordeste brasileiro; verificar como os conteúdos de sociologia rural estão sendo trabalhados no Ensino Médio através de uma análise dos livros didáticos de sociologia.

O presente estudo é do tipo descritivo, com abordagem qualitativa a partir da técnica de pesquisa bibliográfica e de pesquisa documental.

Uma pesquisa bibliográfica é a coleta de material que já foi elaborado, construída principalmente a partir de livros, artigos. A pesquisa documental segundo Gil (2008) é muito semelhante à pesquisa bibliográfica, pois esta utiliza as contribuições de vários autores sobre um determinado assunto.

Para a realização deste trabalho pesquisei materiais referentes aos primeiros anos de surgimento das Ligas Camponesas por volta de 1945, matérias como livros, jornais e artigos entre outros, bem como os anos seguintes nos quais as Ligas Camponesas se desenvolveram e ganharam força na Paraíba e no Brasil, com enfoque na Liga Camponesa do município de Sapé. Também foi realizada uma análise de conteúdo nos livros de sociologia adotados pelo MEC: Sociologia para o Ensino Médio, de Nelson Tomazi e Tempos Modernos Tempos de Sociologia de Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Julia O'Donnell e Raquel Emerique.

Dessa forma o presente trabalho estrutura-se em três capítulos: O primeiro capítulo trata dos movimentos sociais e suas principais características, os movimentos sociais rurais e seus atributos e surgimento, bem como a análise dos livros didáticos já citados acima adotados pelo MEC. O segundo capítulo traz a história das Ligas Camponesas, ano de surgimento e principais lideranças, apresenta também a Liga Camponesa da cidade de Sapé, a história do seu mártir João Pedro Teixeira, assim como o aniversário de 50 anos de sua morte e a história do Memorial das Ligas Camponesas, também localizado na cidade de Sapé. O terceiro e último capítulo traz uma sugestão de um material didático que poderá ser usado nas aulas de sociologia como complemento para o tema dos Movimentos Sociais, ao elaborar o material decidi utiliza-lo em uma das minhas aulas durante a disciplina de Estágio Supervisionado II, para compreender se o tema seria bem aceito pelos alunos do ensino médio.

Para a construção do arcabouço teórico e conceitual desse trabalho alguns autores foram de suma importância, como Clifford Welch (2009), Ivan Targino, Emília Moreira, Marilda Menezes (2011) entre outros.

1. OS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO

1.1 MOVIMENTOS SOCIAIS

Compreendem-se por Movimentos Sociais ações coletivas de um grupo organizado que tem como objetivo manter ou mudar alguma situação, ou seja, tentativas coletivas de promover um interesse comum ou garantir objetivos comuns(TOMAZI 2007).

Nas sociedades atuais existe uma grande diversidade de Movimentos Sociais, alguns são duradouros e alguns passageiros. Esses Movimentos Sociais ocorrem em todas as formas e tamanhos, alguns são muito pequenos e possuem não mais que algumas dúzias de pessoas, e outros são gigantescos que possuem milhares e até milhões de integrantes.

Os Movimentos tem o objetivo de trazer mudanças para questões públicas como, por exemplo, a expansão dos direitos civis para a população, constituindo-se nas formas mais poderosas de ação coletiva e, quando bem organizadas, podem trazer grandes resultados.

Na maior parte do século XX, os sociólogos consideravam os movimentos sociais como fenômenos bastante incomuns, eles pareciam ser marginais à prática em voga a sociologia (...). Isso começou a mudar com a emergência de uma nova onda de movimentos a partir da década de 1960, que atraiu uma nova geração de sociólogos que queriam entendê-los e explicá-los. (GIDDENS, 2012, p.715).

A Escola de Chicago foi a primeira a estudar as formas de comportamentos coletivos. Alguns estudiosos de Chicago, como Robert E. Park, Ernest W. Burgess e Herbert Blumer afirmavam que os movimentos sociais são como agentes da mudança social. Herbert Blumer foi um dos principais analistas dos Movimentos Sociais propondo uma teoria sobre a inquietação social.

Os movimentos sociais podem ser vistos como atividades coletivas visando estabelecer uma nova ordem da vida. Eles tem seu princípio em uma condição de inquietação e derivam sua força motriz, por um lado, da insatisfação com a atual forma de vida e, por outro, de desejo e esperanças para um novo esquema de vida. A carreira de um movimento social mostra a emergência de uma nova ordem de vida. No começo, um movimento social é amorfo, mal organizado e sem forma, o comportamento coletivo está no nível primitivo... À medida que se desenvolve um movimento social, ele assume o caráter de uma sociedade. Ele adquire organização e forma, um corpo de costumes e tradições, liderança estabelecida, uma divisão duradoura do trabalho, regras e valores sociais – em suma, uma cultura, uma organização social e um novo esquema de vida. (GIDDENS, 2012, p.715)

A teoria de Blumer sobre os movimentos sociais contém vários pontos importantes; para ele os movimentos podiam ser ativos ou direcionados para fora, que teriam como fim transformar a sociedade, esses movimentos também podiam ser expressivos, ou seja, direcionados para dentro, que tentariam mudar as pessoas que se envolviam com os movimentos.

Para Blumer os movimentos sociais tem um ciclo de vida e contém quatro estágios. O primeiro é o fermento social que acontece quando as pessoas estão querendo mudar uma situação, mas estão sem foco e desorganizadas; o segundo é a animação popular que acontece quando a fonte da insatisfação das pessoas é detectada e começa a ser entendida de forma mais clara; o terceiro estágio, a organização, é formalizada e gera um nível maior de organização e se estrutura para fazer campanhas; o quarto estágio é a institucionalização, quando o movimento começa a ser aceito como parte da sociedade e da vida política .

1.2 MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS

Desde os primeiros séculos as lutas sociais no meio rural estão presentes no Brasil. No século XVII surgem os movimentos separatistas que reivindicavam a libertação dos escravos; os negros submetidos ao trabalho escravo fugiam para o Quilombo, onde eram acolhidos e sua cultura aos poucos era restaurada. O mais expressivo foi o Quilombo dos Palmares liderado por Zumbi, que se tornou símbolo de luta e resistência dos negros no Brasil.

No início do século XIX surgem os movimentos nativistas como a Cabanagem, Balaiada, Farroupilha, praieira que contavam com a participação principalmente dos proprietários rurais. A partir da segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, o messianismo e o banditismo expressavam-se como duas faces do mesmo movimento. Dentre os movimentos destacaram-se a Revolta de Canudos, Juazeiro, Muckers, Contestado e o Cangaço, com Lampião. Diante das más condições de vida que enfrentavam os camponeses eles tentavam estabelecer uma nova ordem social.

A partir da década de 40 iniciava-se a luta por posse de terras. Esses movimentos tiveram início com os movimentos dos posseiros, destacando-se o Levante de trombas e Formoso no interior de Goiás (1948- 1960). O partido Comunista brasileiro era quem fazia a mediação, pois pretendia espalhar o movimento para a realização de uma reforma agrária radical. Lutas parecidas começaram a surgir no Brasil, como a Guerrilha do Parecatu que ocorreu no Pará (1949- 1951), a Revolta de Dona Noca no Maranhão (1951).

O MST também é um importante movimento rural de luta por terra, por reforma agrária, por direitos para os trabalhadores do campo. Fundado na década de 1980, por trabalhadores expulsos de suas terras, seu objetivo era formar um movimento camponês autônomo, que não possuísse nenhum engajamento político e seus integrantes eram posseiros, pessoas atingidas por barragens, pequenos agricultores. Todos eram vítimas dos latifundiários que os impediam de cultivar sua própria alimentação.

O camponês de ontem e o sem terra de hoje são protagonistas da mesma história de exploração, dominação e opressão que o Brasil precisa acabar, para que assim possa haver progresso, igualdade, fraternidade e a justiça entre todas as pessoas (Memorial das Ligas Camponesas).

O MST participou de muitos movimentos políticos, como as Diretas Já, na construção da Constituição de 1988. O MST é um sucessor das Ligas Camponesas. Conheceram e sofreram praticamente as mesmas violências.

Para compreender como os conteúdos dos Movimentos Sociais do campo estão sendo trabalhados no ensino médio, fizemos uma análise dos livros didáticos de Sociologia.

1.3 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA.

Os livros adotados para o Ensino de Sociologia no Brasil são Sociologia para o Ensino Médio de Nelson Dacio Tomazi, da Editora Atual ano de 2007 composto de 7 unidades que subdividem-se em 23 capítulos e possui 256 páginas; e o livro Tempos Modernos Tempos de Sociologia de Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Julia O'Donnell e Raquel Emerique, da Editora Brasil do ano de 2010, que divide-se em 3 unidades e 20 capítulos, possuindo 280 páginas.

O processo de escolha do livro didático se dá por meio de um concurso, no qual o MEC lança um edital e os autores inscrevem seus livros que serão analisados por uma comissão de especialistas de cada área específica.

Nesse sentido, a elaboração do Edital se concentra, sobretudo, no trabalho de definição de critérios e princípios capazes de assegurar a qualidade das obras aprovadas. Essa foi uma tarefa iniciada em agosto de 2009, com reuniões entre a Comissão Técnica e a equipe da Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologia para a Educação Básica do MEC. Especialmente os critérios eliminatórios comuns a todas as áreas foram formulados após discussão entre os membros da Comissão Técnica que

representam os diferentes componentes curriculares do Ensino Médio, levando-se em conta os critérios gerais para o atendimento dos requisitos mínimos no que tange aos aspectos físicos, legais, editoriais e teórico-metodológicos das obras (PNLD¹, 2012)

No livro *Tempos Modernos* de Sociologia as autoras escrevem a partir das transformações ocasionadas pela modernidade. Trabalhando a partir dessa concepção, abordam temas como as instituições sociais, família, escola, religião e cultura refletindo essas mudanças, e mesmo trabalhando a partir de mudanças ocasionadas pela modernidade, as autoras não trabalham a temática de Movimentos Sociais, pois estão muito presas às cenas do filme *Tempos Modernos*, de Charlie Chaplin.

Diferente do Livro *Tempos Modernos*, o livro *Sociologia para o Ensino Médio* de Nelson Tomazi, tem um capítulo inteiro dedicado aos Movimentos Sociais. O capítulo 15 vem mostrar como conquistar e garantir os direitos essenciais dos indivíduos através dos movimentos sociais, estes sendo considerados pelo autor como ações coletivas com o objetivo de manter ou mudar uma situação.

O autor destaca alguns tipos de movimentos sociais existentes em nosso cotidiano: as greves trabalhistas, estas com a finalidade de melhoras no salário e nas condições de trabalho; os movimentos por melhores condições de vida na cidade, se referindo aos transportes, habitação, educação, saúde etc., e no campo, pelo acesso a terra ou pela manutenção da atual situação de distribuição de terras; cita ainda os movimentos étnicos, feminista, ambiental e estudantil.

Para Tomazi (2007), os movimentos sociais não são predeterminados, dependem sempre das condições específicas em que se desenvolvem, ou seja, das forças sociais e políticas que os apoiam ou confrontam, dos recursos existentes para manter a ação e dos instrumentos utilizados para manter a repercussão.

Na sociedade capitalista a greve foi um dos movimentos mais utilizados pelos trabalhadores. A paralisação das atividades de uma ou mais empresas sempre se apresentou como uma poderosa arma de reivindicação. Tomazi apresenta a greve a partir de dois pontos de vista: Emile Durkheim e o de Karl Marx.

Émile Durkheim tem como ponto de partida a ideia de que todo conflito é resultado da ausência de regras e normas que regulem as atividades produtivas e a organização das várias categorias profissionais. Considera a greve como ato de desordem, que serve apenas para a

¹ Guia de livros didáticos : PNLD 2012 : Sociologia. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

desintegração da sociedade. No seu ponto de vista a questão social é também moral, pois envolve ideias e valores divergentes dos da consciência coletiva.

Marx entende a questão de outra forma. Para ele a greve aparentemente é apenas um movimento reivindicatório por melhores salários e condições de trabalho. Na análise de Marx quanto a uma greve operária existem três atores sociais: o trabalhador, o empresário capitalista e o Estado. O trabalhador representa a força de trabalho e só tem isso para defender; assim, sua luta por melhores salários e condições de trabalho o coloca em confronto com o empresário, que representa o capital, e cujo objetivo é conseguir o maior lucro possível. A greve para Marx é a expressão mais visível da luta de classes entre burgueses e proletariado.

Tomazi(2007) traz um enfoque sobre o surgimento do movimento ambiental. Este, surgiu no século XIX, quando foram percebidos os primeiros sinais de distúrbios ambientais, mas desenvolveu-se lentamente até a década de 1970; desde então, vem crescendo rapidamente. Tomazi utiliza imagens de uma manifestação de duas organizações ambientalistas: a primeira foi um evento promovido em 2005, em São Paulo, pela SOS Mata Atlântica, entidade que luta pela recuperação e preservação das florestas litorâneas do Brasil; a segunda imagem, ação da ONG internacional Greenpeace na Flórida em 2006, contra o aquecimento global provocado pela queima de combustíveis (os Estados Unidos são responsáveis por mais de 30% da emissão de gases poluentes na atmosfera).

A existência de um movimento social requer uma organização muito bem desenvolvida, o que demanda a mobilização de recursos e pessoas muito engajadas. Os movimentos sociais não se limitam a manifestações públicas esporádicas, mas trata-se de organizações que sistematicamente atuam para alcançar seus objetivos políticos, o que significa haver uma luta constante e em longo prazo dependendo da natureza da causa. Em outras palavras, os movimentos sociais possuem uma ação organizada de caráter permanente por uma determinada bandeira.

O capítulo 17 Tomazi dedica aos movimentos sociais que ocorreram no Brasil, apresentando um processo histórico no qual aborda os movimentos sociais ocorridos no país desde o primeiro século da colonização até nossos dias.

A princípio, o autor fala das lutas no período colonial, ressaltando dois movimentos bastante significativos ocorridos nesse período, que foram o dos indígenas e o dos africanos escravizados. Enfatiza dois movimentos pela independência em relação a Portugal, a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana. Em seguida, o referido autor aborda as

revoluções regionais, abolicionismo e republicanismos, além dos movimentos que ocorreram entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, como a Guerra de Canudos liderada por Antônio Conselheiro.

Tomazi segue falando de outros movimentos: o tenentismo, movimento de ação integralista nacional, e a aliança nacional libertadora; chega até a comentar sobre os movimentos ocorridos no campo, fazendo um breve comentário sobre as Ligas Camponesas, quando descreve que as Ligas começaram a se organizar em Pernambuco e se estenderam pelo Brasil até 1964. Porém, fica apenas nesse breve comentário.

Enfim, com esta análise podemos perceber que o livro de Tomazi, apesar de ter dois capítulos dedicados aos Movimentos Sociais, traz muitas informações, o que pode atrapalhar um pouco na hora da apresentação dos conteúdos. Quanto à contextualização a obra não retrata a realidade do semiárido; apenas no capítulo 17 “Movimentos sociais no Brasil” retrata um pouco da Revolta do Roco da abelha que aconteceu em 1851, ainda na época do Brasil Império, ocorrendo em grande parte do nordeste; a Revolta de Quebra Quilos, que ocorreu do período de 1874-1875 e aconteceu na Paraíba; e a Guerra de Canudos que aconteceu no século XIX na Bahia. O autor até comenta sobre as Ligas Camponesas e o MST, mas nada que chame atenção; as ênfases maiores são dedicadas aos movimentos mais antigos, como os da época do Brasil Colônia, entre outros que ganham tópicos extensos.

Alguns movimentos importantes, como o MST, são pouco comentados, sendo dito apenas que o movimento surgiu no sul do país com apoio da Igreja Católica e do PT e que tinham como objetivo criticar a estrutura de propriedade de terra no Brasil. A falta de informação sobre o MST faz com que as pessoas vejam esse movimento como ações de marginais, desocupados e as Ligas Camponesas pouco conhecidas no meio estudantil. Nesse sentido é necessário que o professor faça a contextualização dos conteúdos trazendo-os para a realidade do semiárido, utilizando-se de exemplos que estejam mais próximos da realidade dos alunos.

2. SURGIMENTO DAS LIGAS

2.1 A HISTÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS

As Ligas Camponesas são organizações do campesinato, e as mais importantes tiveram papel de originar guerras como as Ligas Camponesas da Alemanha. Cansados de serem escravizados, de terem que pagar impostos, dízimo à Igreja e o foro (uma espécie de impostos que o camponês pagaria pelo o uso da terra do senhor), os camponeses acabaram se rebelando e gerando várias formas de lutas. Eram escravizados pelos barões feudais e pelos príncipes, e por outro lado eram sujeitos a pagar o dízimo à Igreja e o foro pelo uso da terra que a cada ano aumentava mais. Toda sorte de injustiça caía sobre os camponeses.

A tradução da Bíblia do latim para o alemão impulsionou a revolução, pois permitia que o povo pudesse ler a Bíblia em sua própria língua. E com a tradução o povo percebeu que existiam muitas contradições entre o que estava escrito e o que a Igreja pregava e fazia. Os camponeses da Alemanha começaram a perceber que Cristo era um homem humilde e pobre, que andava sem dinheiro acompanhava os miseráveis e não cobrava foro nem dízimo a ninguém, o que levou os camponeses a abrir os olhos e perceber que nem tudo que a Igreja pregava era correto.

No Brasil, as primeiras organizações camponesas tiveram início há muitos anos, a maior parte foram tentativas de construir sindicatos rurais. Houve muito impulso, mas algumas ao menos chegaram a acontecer. A maioria não resistiu à pressão do poder econômico e rapidamente desapareceu.

Em meados de 1945 depois da ditadura de Vargas, camponeses, foreiros, trabalhadores rurais se uniram em associações civis com a direção de um novo partido, o Partido Comunista Brasileiro.

O principal opositor dos camponeses era o grande proprietário de terras ou os latifundiários. O primeiro núcleo das Ligas Camponesas no Nordeste surgiu por volta de 1955 com a fundação da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco. Para evitar que o latifundiário ficasse irritado, foreiros o chamaram para ser presidente de honra da associação, o que só depois de um tempo veio se chamar Ligas Camponesas da Galileia.

Essa iniciativa foi dos camponeses da cidade de Vitória de Santo Antão, estado do Pernambuco. A organização dessa sociedade irritou bastante o filho do latifundiário, alertando

seu pai de que os camponeses poderiam tomar seu patrimônio, alegando que eles eram comunistas e que ele não envolvesse seu nome em uma associação comunista; e trataram logo de expulsá-los. Os foreiros liderados por Zezé da Galileia e Manuel Severino de Oliveira se recusaram a sair das terras e o latifundiário moveu uma ação de despejo contra eles.

Os foreiros foram então procurar um advogado que os defendessem e terminaram no escritório de Francisco Julião, que era o único representante do Partido Socialista da Câmara Estadual. Francisco Julião aceitou defendê-los de graça, já que os foreiros não podiam pagar. Ao começar a defender os Galileus, Julião percebeu que casos idênticos foram surgindo em todo Estado e Estados vizinhos e que o problema agora se tornava social e não mais judiciário.

Julião achou que sua maior missão era despertar a grande massa camponesa para a luta e para a tomada de consciência, para que assim fosse evitado que as soluções fossem tomadas pela cúpula, e por intelectuais políticos que quase sempre desconheciam a realidade camponesa.

O principal interesse das Ligas Camponesas do engenho da Galileia era formar um fundo para construir uma escola primária onde os filhos dos camponeses pudessem estudar. No Engenho da Galileia moravam muitas famílias e o governo e o latifundiário lhes negavam o direito de terem uma professora para que seus filhos pudessem estudar, indo contra a lei Federal que obriga que os estabelecimentos agrícolas com mais de cem trabalhadores tenham uma escola gratuita para seus filhos e eles também.

Esse fundo também serviria para a compra de caixões para enterrar as crianças que morriam em grande número naquela época e também para os adultos, pois os camponeses não tinham o direito de terem um sepultamento digno; os corpos eram velados em um caixão emprestado pela prefeitura que depois do velório tinha que ser devolvido e os corpos dos camponeses eram enterrados sem caixão dentro de valas (WELCH, 2009).

Porém, os camponeses não queriam apenas formar um fundo para comprar caixões e construir escolas, eles queriam assistência médica e jurídica também, pretendiam criar uma cooperativa de crédito para que assim pudessem comprar sementes e esse crédito também serviria para ajudar aqueles que estivessem com o foro atrasado.

Francisco Julião passou a trabalhar com os camponeses sobre três pontos: o campo, a justiça, e na Assembleia. No campo ele estava lado a lado com o camponês, escrevia informes, cartilha do camponês, guia do camponês entre outras coisas que explicavam aos camponeses seus direitos. Na Justiça promoviam-se ou contestavam-se ações e essas se

espalhavam rapidamente por outros municípios do estado. Na Assembleia eram feitas denúncias contra a violência sofrida pelos camponeses, protestos contra as mortes e prisões.

Francisco Julião é considerado um dos mais importantes líderes das Ligas Camponesas. Era filho e neto de senhores de engenho, mas optou por não seguir os passos da sua família, e sim de defender as causas que achava injustas.

Houve grande batalha entre os camponeses da Galileia e o latifundiário, essa batalha terminou com a vitória dos camponeses junto à Assembleia que votou na desapropriação da Galileia, em um projeto de lei da autoria do Deputado Socialista Carlos Luiz de Andrade. Mas durou pouco a felicidade dos camponeses da Galileia, pois o mesmo governo que desapropriou o engenho da Galileia sancionou uma lei para incorporar as terras da Galileia a uma companhia de venda e colonização que foi criada para combater as Ligas Camponesas. As terras foram desapropriadas, mas os camponeses nunca receberam os papéis da terra.

2.2 HISTÓRIA DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

João Pedro Teixeira nasceu em 1918 no distrito de Pilões, município de Guarabira (PB). Desde muito cedo, João Pedro viveu na pele a violência e os conflitos causados pelos latifundiários. Durante a sua juventude, trabalhava na agricultura e depois se tornou operário e começou a trabalhar nas pedreiras da Paraíba. Com a vida de operário, ele começou a lutar pelo direito dos trabalhadores.

Foi nesse período de trabalho nas pedreiras que João Pedro conheceu Elizabeth, em 1940. Elizabeth estava com 15 anos na época. João Pedro tinha ido até a mercearia do pai de Elizabeth, e eles começaram a trocar olhares. Quando o Pai de Elizabeth ficou sabendo mandou um recado para João Pedro pedindo pra ele não ir mais fazer compras na mercearia. Mas João Pedro não desistiu. Então o pai de Elizabeth impediu que ela continuasse a trabalhar na mercearia. Apesar de tudo isso, eles continuaram se comunicando apenas por bilhetes. No dia 10 de Junho de 1942, Elizabeth estava com 17 anos e fugiu com João Pedro, casando-se algum tempo depois.

O fato é que o pai de Elizabeth nunca se conformou com o casamento da sua filha porque João Pedro era negro e pobre e por várias vezes ofereceu dinheiro e tudo que Elizabeth quisesse para se separar de João Pedro, mas ela nunca aceitou.

Desde que casaram, João Pedro e Elizabeth moraram com um tio dele em uma fazenda onde o tio dele era gerente. João Pedro se desentendeu com seu tio por causa das agressões

que eram praticadas contra os moradores da fazenda; ele não achava justo o que o tio fazia com os moradores.

João Pedro foi embora para Recife e quando conseguiu um trabalho voltou para buscar Elizabeth. Foi em Recife que João Pedro começou a ter contato com o comunismo, com os companheiros operários, onde também recebia o jornal operário e vendia para os seus companheiros de trabalho.

Ele fundou um sindicato dos trabalhadores que trabalhavam em pedreiras, e foi a partir desse momento que as coisas começaram a ficar difíceis para ele em Recife, pois os trabalhadores se recusavam a trabalhar para ele, os empreiteiros também não queriam mais trabalhar com João Pedro, tornando a situação cada vez mais difícil. Moraram nove anos em Recife, em 1954 a situação piorou ainda mais por conta das chuvas e João Pedro não conseguia emprego.

Por conta da situação que estavam passando em Recife, João Pedro aceitou morar em uma propriedade do sogro no município de Sapé. Foi nessa época que ele começou a organizar os camponeses para lutarem por seus direitos, visitando-os de casa em casa e assim conscientizando-os de seus direitos.

2.3 ORGANIZAÇÃO DA LIGA

A primeira Liga Camponesa da Paraíba foi criada em 1958 como Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé, e ficou nacionalmente conhecida como Liga Camponesa de Sapé. Tinha como um dos seus maiores líderes João Pedro Teixeira.

A Liga de Sapé foi caracterizada pela sua luta contra os usineiros e latifundiários, pela luta por reforma agrária e tornou-se o maior e o mais expressivo núcleo de todos (WELCH, 2009).

As Ligas camponesas surgiram com o intuito de lutar contra um quadro de sofrimento e exploração pelo qual os camponeses eram submetidos. Camponeses eram submetidos a todo tipo de exploração, não tinham nenhum direito.

Em alguns relatos de camponeses é possível identificar quatro aspectos na vida do trabalhador explorado pelo fazendeiro: o primeiro é que as crianças iniciavam no trabalho muito cedo, a partir dos 10 anos ou até mais cedo, o que dificultava bastante a escolarização – as crianças não podiam frequentar a escola porque tinham que trabalhar.

O segundo aspecto estava voltado para o trabalho, onde pai, mãe e filhos estavam submetidos a regras de moradia e sujeitos ao cambão. O cambão era três dias da semana trabalhados de graça para o patrão.

O terceiro aspecto era a existência dos barracões. O barracão era uma mercearia, que também pertencia ao patrão, e os moradores eram obrigados a comprar as mercadorias nesses lugares, pois não recebiam seus pagamentos em dinheiro, recebiam um vale para ser descontado no barracão; o vale nunca era suficiente para suprir as necessidades dos camponeses o que levava a um enorme dívida e os camponeses não podiam deixar as fazendas devido a esse fato.

O quarto aspecto consistia no fato de que os camponeses eram impedidos de plantar culturas permanentes, como fruteiras ou cana, a fim de evitar que tivessem direitos a indenizações; as crianças também não podiam se alimentar de nenhuma fruta que existia na fazenda, pois corria o risco da família inteira ser expulsa das terras.

Existia uma relação de dominação muito grande. Ameaças aconteciam todos os dias. Qualquer erro do camponês poderia ser fatal. Essa repressão podia vir como uma expulsão, castigos pesados – como ficar dentro de um tanque cheio de água até a cintura, o que poderia levar a morte, ou a exploração sexual da parte dos fazendeiros sobre as filhas dos camponeses.

Antes do surgimento das ligas camponesas, os camponeses não tinham nenhuma consciência dos seus direitos e se submetiam a todas as formas de exploração do latifúndio, o “cambão”, a sujeição, o furto da vara, o vale do barracão e, ainda mais, a honra das suas jovens filhas. Conheci um fazendeiro que aos sábados organizava um baile no armazém, obrigava todas as filhas dos fazendeiros participarem e tinha um dos membros da família que dizia o seguinte: “Eu tenho 107 casos de honra”. Somente com o surgimento das ligas é que os camponeses se conscientizaram e foram à luta (TARGINO; MOREIRA E MENIEZES, 2009, p.90).

O surgimento das Ligas camponesas permitiu a formação de uma consciência camponesa. Eles passaram a ter conhecimento da exploração que sofriam e perceber que tinham direitos. E foi para isso que as Ligas Camponesas foram criadas: para lutar contra o sofrimento do homem do campo.

A cidade de Sapé, na Paraíba, tornou-se o quartel general do movimento das Ligas Camponesas e apresentava várias vantagens para sediar o movimento, que tinha planos para libertar o trabalhador rural. As vantagens eram: maiores aglomerados industrial do estado, a existência de latifúndios, a monocultura da cana-de-açúcar.

2.4 ESTRATÉGIAS DE LUTAS

Em 1954 João Pedro Teixeira já vinha lutando junto ao homem do campo e já tinha conquistado a confiança de muitos camponeses. Quando a Liga foi fundada de fato, já existiam muitos camponeses ao lado de João Pedro. Quando os camponeses eram mandados embora das terras não tinham com quem contar; tinham que sair das terras mesmo sem direito sequer de colher o que tinha plantado. Então o objetivo da Liga era acabar com essas injustiças. E esse era o trabalho de João Pedro: conscientizar os camponeses que aquilo que acontecia com eles era uma injustiça. Os camponeses se uniram e com essa união conseguiram eliminar o cambão de uma fazenda, a Fazenda Maraú. (TARGINO; MENEZES E MOREIRA, 2009).

João Pedro Teixeira passou três anos conscientizando os camponeses de sua força e conseguiu despertar o povo para a luta. O envolvimento de João Pedro com o partido comunista deu-lhe instrumentos para a construção de uma consciência, e também articulações para organizar os trabalhadores rurais. Segundo Monsenhor Odilon Pedrosa, João Pedro não levava a consciência propriamente dita aos camponeses, mas ele sentia na pele o que os camponeses passavam, afinal também era um deles.

A Liga Camponesa de Sapé passou a ser um centro de referência do movimento e logo começou a expandir-se por os outros municípios paraibanos. Devido ao crescimento acelerado do Movimento das Ligas Camponesas na Paraíba, foi necessária a criação da Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas da Paraíba, que foi legitimada no dia 25 de novembro de 1961.

Conforme o movimento ia crescendo, fez necessária a criação de táticas para dar suporte ao movimento, dentre as quais se destacavam os comícios. Após as reuniões da Liga eram realizados comícios relâmpagos nas feiras, onde tentavam mostrar aos camponeses a cruel realidade em que eles viviam. Durante muito tempo, a difícil vida dos trabalhadores rurais era do conhecimento apenas das pessoas do interior. Como o êxodo rural naquela época quase não existia, na capital quase ninguém tinha conhecimento do que acontecia no campo, mas a partir de 1957 começaram a surgir algumas denúncias contra os latifundiários, usineiros, e os donos do engenho.

A estratégia dos comícios-relâmpago, particularmente nas feiras, foi largamente utilizada para fazer a propaganda das ligas, como ressalta Assis Lemos: “Iniciamos a luta subindo nos tamboretas, nas feiras das cidades do interior, para exatamente convidar os camponeses para ingressarem nas suas

ligas. Isso começou de forma muito simples e terminou com uma grandeza extraordinária (TARGINO; MENEZES E MOREIRA, 2009, p.94).

Outra estratégia eram as passeatas e assim atraíam mais trabalhadores rurais, que as realizavam dirigindo-se até às propriedades onde havia o cambão – outra forma de agressão – para negociar com os proprietários.

A realização de comícios e passeatas. Essa estratégia constituiu uma arma importante para atrair os trabalhadores rurais para as ligas, bem como propiciava oportunidades para esclarecer os objetivos do movimento e exercer pressão sobre o poder público e sobre os proprietários de terra[...].(TARGINO;MENEZES E MOREIRA, 2009, p.96)

Outra estratégia utilizada foi dar apoio aos trabalhadores que estavam ameaçados de serem expulsos das propriedades. As expulsões eram acompanhadas de violência, destruição da plantação e queima de casa. Essas assistências às vezes vinham com assistência jurídica, o que foi de suma importância para os camponeses adquirirem confiança no movimento. Os advogados buscavam brechas de todos os lados para defender o camponês. Outro apoio bastante importante foi a luta pelos direitos trabalhistas, a proteção do camponês contra as agressões físicas, a disponibilização de serviços de saúde, o combate ao analfabetismo.

Todos esses fatores contribuíram bastante para a tomada de consciência do camponês e para o fortalecimento da Liga Camponesa de Sapé.

João Pedro e seus companheiros foram presos, torturados, espancados inúmeras vezes, muito sangue foi derramado em busca da tão sonhada Reforma Agrária. A primeira diretoria das Ligas camponesas de Sapé era formada por João Pedro (presidente), Pedro Fazendeiro (vice-presidente), João Alfredo, mais conhecido como Nego Fuba, era o secretário e o tesoureiro era Severino Bigodão.

Uma das maiores lutas das Ligas foi a tentativa de acabar com o cambão. Houve uma reunião em João Pessoa entre os proprietários de terra e as Ligas Camponesas, em que o governo conseguiu um acordo de acabar com o cambão na Paraíba. Um dos primeiros engenhos a se organizar foi o engenho de Miriri – nele todos os camponeses eram filiados às Ligas.

O principal líder do engenho de Miriri foi Alfredo Nascimento. Alfredo foi ameaçado de morte por ter tomado a iniciativa no engenho de acabar com o foro e o cambão. Ele foi até João Pessoa pedir proteção ao Governador. O Governador da época, Pedro Godin, chamou o comandante da polícia e o secretário de segurança e afirmou que a vida de Alfredo Nascimento estava garantida, que ele podia voltar ao trabalho tranquilo. Alfredo estava

chegando à fazenda de Miriri quando o administrador da fazenda o matou a tiros em 14 de Março de 1961. Alfredo Nascimento foi o primeiro líder camponês a ser morto na Paraíba, com a sua morte foi o início das violências que ainda iriam acontecer contra os líderes camponeses.

3. REPRESSÃO E REPERCUSÕES

3.1 REPRESSÃO

Conforme as Ligas Camponesas iam crescendo e o seu poder de mobilização aumentava, os latifundiários também se organizavam e tinham como maior objetivo acabar com as Ligas. Antes do golpe militar de 1964 as repressões aos camponeses já era bem grandes e começou com o pai de Elizabeth Teixeira, que era totalmente contra o casamento de sua filha com João Pedro.

Repressão no seio da família de Elizabeth Teixeira. As primeiras manifestações de contestação ao movimento surgiram no seio da família de Elizabeth Teixeira. Seu pai, que se posicionou contrariamente ao casamento da filha com João Pedro Teixeira, volta a pressionar quando vê crescer o movimento de camponeses em torno da sua casa, mesmo antes da fundação da Liga de Sapé. Segundo Elizabeth Teixeira, em novembro de 1956, no dia seguinte à primeira reunião ocorrida em casa entre João Pedro Teixeira e alguns camponeses, seu pai foi reclamar e dizer que, “se soubesse que ontem ia ter uma reunião comunista aqui, eu e meus amigos tinha vindo acabar com ela no pau. (TARGINO;MENEZES E MOREIRA, 2009, P.105).

A casa de João Pedro vivia rodeada de capangas, que rondavam a casa na madrugada, fazendo ameaças de morte, dizendo que o latifundiário ia acabar com a vida dele; pedras eram jogadas nas portas da casa na tentativa de intimidar João Pedro.

“Sei que vou tombar, mas uma coisa digo a você, Eu não me acovardo! Eles vão tirar minha vida covardemente, pelas costas, porque de frente eles não vão ter coragem de enfrentar, mas eu continuarei aqui até tombar.” (BANDEIRA, .2012. p. 74).

Todos os meses eram realizados atos públicos em Sapé, nos quais eram lidos uma relação das mortes daquele mês. Antes das Ligas Camponesas, os camponeses que morriam eram enterrados como indigentes, não tinham direito a tirar atestado de óbito. Com as Ligas os camponeses passaram a ter direito de ser enterrado no cemitério, em caixões, pois antes eram enterrados em qualquer lugar.

Nesses atos também era informado se algum camponês tinha sofrido alguma violência; se tinha havido alguma expulsão denunciavam nos atos e diziam o nome do fazendeiro que tinha cometido algum tipo de violência. Existia uma grande união entre as Ligas de Sapé e as Ligas de Pernambuco. Os ferroviários também eram unidos com as Ligas e prestavam muita assistência; quando eles precisavam se deslocar de um lugar para outro os ferroviários apoiavam.

Alguns vereadores começaram a expressar opiniões sobre o caso da Liga de Sapé. O Vereador Nizi Marinheiro, do Partido Socialista Brasileiro, em um artigo publicado no Correio da Paraíba, relata a difícil situação vivida pelo camponês, mostrando todo o seus sofrimentos. Mais artigos como esses de intelectuais começaram a surgir (LEMOS; PORFÍRIO, WALDIR; 2013).

O que se tem verificado é a incompreensão e a intransigência de alguns proprietários rurais, aliás, a minoria, mas poderosos e influentes, tanto política, como econômica e financeiramente. São geralmente, grandes latifundiários, dono de extensas fazendas com inúmeros moradores que vivem explorados miseravelmente, sem escola para os filhos, sem qualquer espécie de assistência, morando em mocambos infectos e sujeitos ao regime do cambão e que são postos para fora dessas terras por mero capricho de seus proprietários, sem qualquer indenização pelas lavouras, pelo pequeno sítio, as vezes vindo de outras gerações do pobre camponês que paga o seu foro em dinheiro e em dias de trabalho por cada semana, inclusive dos familiares, sem contar as arbitrariedades do patrão, com surras, ameaça de morte, prisões e espancamentos por policiais sempre dóceis e solícitos às ordens desses mandões desabusados. (LEMOS; PORFÍRIO E WALDIR, 2013. p. 19).

A partir dos artigos publicados, a população começou a entender e saber a real situação dos camponeses, a formação das Ligas camponesas começou a repercutir e receber filiados em massa; mas não eram só camponeses: eram profissionais liberais, comerciantes, operários, pequenos agricultores, estudantes. A diretoria das Ligas começou a participar de eventos importantes e passou a viajar a João Pessoa constantemente para participar de reuniões, reclamar da violência que ocorria, reivindicar benefícios para o camponês ao governo.

A repressão política ao movimento das ligas camponesas se expressou em assassinatos, perseguições, prisões, mas também se difundiu em sentimentos de medo e imaginário de terror nas populações do campo e da cidade. Isso, a nosso ver, levou ao silenciamento da memória das ligas camponesas, seja pelos que participaram diretamente, seja por outros que vivenciaram a repercussão pública dos acontecimentos. (TARGINO; MENEZES E MOREIRA, 2009, p.85).

Quanto mais gente se filiava às Ligas camponesas, mais os latifundiários cometiam crimes e violavam os direitos humanos e trabalhistas, apoiados por capangas e membros da polícia militar.

3.2 ASSASSINATO DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

Os latifundiários tentaram de todas as formas que João Pedro Teixeira se afastasse da luta camponesa, chegaram até a lhes oferecer dinheiro para que ele fosse embora de Sapé, mas ele nunca se acovardou. As ameaças de morte contra ele só aumentavam. Além de todos os problemas com as Ligas Camponesas João Pedro tinha que lidar com as chantagens do novo proprietário do seu sítio, já que o sítio onde morava pertencia a seu sogro Manoel Justino, que o vendeu na tentativa de que João Pedro fosse embora de Sapé juntamente com sua família.

Antônio Victor era o novo proprietário do sítio e entrou na justiça com um processo de desapropriação. Foi informado a João Pedro que Antônio Victor queria entrar em um acordo com ele, marcando então uma reunião que aconteceria no escritório do advogado das Ligas no dia 02 de abril de 1962.

Na manhã do dia 02 de abril, João Pedro viajou a João Pessoa para negociar com Antônio Victor e iria aproveitar a viagem para visitar a sede da Federação das Ligas Camponesas e comprar livros e cadernos para seus filhos. Ao chegar ao escritório de José Gomes recebeu a informação de que a reunião com Antônio Victor havia sido adiada para as dezessete horas. João Pedro se negou a esperar pela reunião, pois o último ônibus que saía para Café do Vento, cidade mais próxima de Sapé, saía de João Pessoa às dezessete horas e o mesmo não queria dormir na capital. João Pedro despediu-se de José Gomes e foi rumo a uma papelaria comprar materiais para os seus filhos e voltou até a sede da Federação das Ligas, onde passou o resto da manhã conversando com os companheiros sobre as lutas e o que as Ligas estavam desenvolvendo.

João Pedro embarcou no ônibus das quinze horas, mas ele não imaginava que a sua viagem a João Pessoa já havia sido planejada um mês antes. Aguinaldo Veloso Borges, Pedro Ramos Coutinho e Antônio Victor contrataram Antônio Alexandre da Silva e Francisco Pedro Silva, membros da Polícia Militar da Paraíba, e um vaqueiro de Aguinaldo Veloso que se chamava Arnaud Nunes Bezerra, para pôr fim à vida de João Pedro (LEMOS; PORFÍRIO, WALDIR; 2013).

A emboscada para pôr fim à vida de João Pedro estava armada e a fofoca circulava entre os moradores do município de Pilar. Os assassinos fizeram uma reunião para armar tudo um dia antes do crime. O Soldado da Polícia, Antônio Alexandre, pediu para se afastar de Sapé e foi levado até à cidade de Café do Vento e de lá seguiu para Pilar, onde estava sendo aguardado pelos comparsas. O mandatos do crime eram conhecidos como Grupo Várzea.

O dia do crime chegara. Os assassinos chegaram ao local da emboscada por volta das catorze horas, esconderam-se entre as moitas e ficaram à espera de João Pedro. O ônibus que João Pedro viajava chegou à rodoviária de Café do Vento por volta das dezesseis horas. João Pedro conversou com alguns conhecidos e seguiu rumo a sua casa que ficava há uns seis quilômetros daquele local.

As Pessoas que estavam na Rodoviária escutaram três disparos, mas não podiam imaginar que os disparos tinham sido em João Pedro. Os tiros o atingiram: uma bala ficou alojada na região glútea, outra no punho e uma no coração, não dando tempo dele se defender. Foi assassinado covardemente e os assassinos fugiram a cavalo do local do crime. O motorista do departamento de rodagens, Manassés, passava pelo local e encontrou o corpo de João Pedro e informou ao delegado do distrito de Sobrado, que transportou o corpo para Sapé.

...Seu peito Atlético ficou tão estragado que à primeira vista não erraríamos em pensar que os latifundiários usaram foices em vez de fuzil. Eu vi Pedro morto. Estava barbado, os olhos semiabertos e vidrados, a fronte calva e luzida como se estivesse vivo, os lábios cerrados, a cara de homem; seu corpo comprido, crivado de balas e entornado de sangue parecia a imagem de Jesus morto”(LEMOS; PORFÍRIO E WALDIR; 2013,p.37,38) .

Esse é o depoimento emocionante do jornalista Jório Machado, em sua coluna “Aconteceu”, do Correio da Paraíba, em 4 de Abril de 1962.

A notícia da morte de João Pedro se espalhou rapidamente por toda cidade de Sapé e arredores. As multidões ocupavam as ruas da cidade em busca de respostas. A triste notícia chegou ao sítio Barra de Antas, onde João Pedro residia com sua família. Elizabeth havia passado a noite preocupada porque seu marido não chegara, mas logo pensou que tivesse acontecido algum imprevisto. Pela manhã, um dos filhos avistou muita gente vindo em direção a sua casa. Ao chamar a mãe para atendê-los receberam a notícia de que João Pedro havia sido assassinado. Elizabeth ficou desesperada e partiu a pé para Sapé junto com seu filho Abraão. Um rapaz ia passando em uma caminhonete e lhes ofereceu carona.

Ao chegar à cidade de Sapé, Elizabeth tentou entrar no hospital onde o corpo do seu marido estava, mas a polícia a impediu. Elizabeth não esperou a autorização do diretor do hospital para entrar e pulou o muro. Ao ver o corpo do marido estendido na pedra do hospital, coberto de areia e sangue, Elizabeth encontrou força e coragem para responder uma pergunta, que ficou sem resposta tantas e tantas vezes, quando João Pedro lhe perguntava se quando ele morresse se ela continuaria a sua luta. Ela nunca havia respondido.

João Pedro, por mais de uma vez você me perguntou se eu daria continuidade à sua luta, e eu nunca te dei a minha resposta. Hoje eu te digo, com consciência, ou sem consciência de luta, eu marcharei na tua luta, João Pedro, pro que der e vier! Senti vontade, naquele momento, de voltar pro campo e chamar os homens do campo e gritar bem alto: “viva a Reforma Agrária!”, “Queremos Reforma Agrária mesmo!” “Vamos lutar pela terra.”(BANDEIRA; MIELE E GODOY, 2012, p. 88).

Camponeses chegavam de todos os lugares à espera da libertação do corpo do seu líder. O sepultamento de João Pedro aconteceu no dia 3 de Abril de 1962, acompanhado por mais de cinco mil pessoas.

Quando o corpo do líder morto saiu do necrotério, uma multidão de milhares de pessoas se uniu em um cortejo. O cadáver foi levado até a porta da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé, da qual Pedro Teixeira era presidente. Ali, o caixão foi exposto por mais de 40 minutos para a visita pública. Os liderados de João Pedro desfilaram ante o seu cadáver para um olhar derradeiro. Depois o caixão foi levado para o cemitério, percorrendo as ruas centrais desta pequena cidade, nas calçadas, nas portas, pelas ruas, se postavam as pessoas, que não tinham podido acompanhar o cortejo. Ninguém ficou em casa, todavia Sapé veio às ruas dar o último adeus ao seu primeiro mártir. (LEMOS; PORFÍRIO E WALDIR, 2013, p. 42, 43)

Durante o dia, muitas personalidades falaram e fizeram homenagens para João Pedro: o Desembargador João Santana da Cruz, Assis Lemos, que era professor e presidente da Federação das Ligas Camponesas, Deputados, operários. João Pedro deixou sua esposa e 11 filhos.

A morte de João Pedro passou a ser o assunto das principais matérias de jornais. Houve uma grande repercussão da sua morte. A população se revoltou e queriam justiça. A revolta só aumentou quando os jornais publicavam fotos de Elizabeth e seus onze filhos. Após a morte de João Pedro vários protestos foram planejados. No Ponto de Cem Réis se reuniram mais de três mil pessoas para protestar contra o assassinato de João Pedro, dentre as quais estavam estudantes, operários, comerciantes e jornalistas.

As pessoas que ali se fizeram presentes subiram a tribuna para demonstrar a sua revolta pelo acontecido e um dos discursos que chamou mais atenção, o do Deputado Raimundo Asfora, foi publicado no dia 5 de Abril no jornal A União, pelo jornalista Hélio Zenilde (LEMOS; PORFÍRIO, WALDIR; 2013).

É inútil matar camponeses. Eles sempre viverão. Antes de morrer, João Pedro era apenas a silhueta de um homem no asfalto mas agora, paraibanos,

João Pedro virou Zumbi, João Pedro virou assombração. É uma sombra que se alonga pelos canaviais, que bate nas portas das casas grande e dos engenhos, que povoa a reunião dos poderosos, que grita na voz do vento dentro da noite e pede justiça, e clama vingança, que passeia pelas estradas de Sapé. Sonhara com a reforma agrária, mas não pensara na revisão das glebas empunhando uma foice ou um bacamarte, na atitude dos desesperados. Apelava, apenas, para organização da opinião camponesa, da opinião dos campos, porque organizada opinião do povo, tudo mais ficaria organizado[“...].(LEMOS ; PORFÍRIO E WALDIR, 2013 p.46).

Importantes manifestações ocorreram em protesto à morte de João Pedro Teixeira. A Federação das Ligas Camponesas estava organizando os camponeses para um grande protesto que ocorreria dia 10 de abril. Sabendo da manifestação, o Exército realizou algumas operações nos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas com o argumento de estarem dando prosseguimento a um inquérito policial militar que tinha com objetivo esclarecer a responsabilidade de organizações suspeitas de práticas de atividades subversivas. Essa busca não passava de uma farsa, já que aconteceu nas vésperas da grande manifestação. Na realidade o exército não queria que a manifestação acontecesse. Durante essa operação do Exército várias pessoas ligadas às Ligas Camponesas foram presas. O Exército invadia as casas dos camponeses procurando armas. Todos esses acontecimentos fizeram com que a Federação das Ligas Camponesas cancelasse a grande manifestação e publicasse uma nota de repúdio.

Deste modo, evita-se que os motivos justos e pacíficos da manifestação passam a servir de pretexto para atos de violência e derivativos. Para não apuração do bárbaro assassinato do dirigente camponês, João Pedro Teixeira, cujos os responsáveis tudo fazem para que o crime, que tanto revoltou a opinião pública, fique impune. Espera a Federação que o governo do Estado cumpra sua missão de apontar, pelos meios legítimos, os executores e mandantes do bárbaro crime”, conclui a nota (LEMOS ; PORFÍRIO E WALDIR, 2013, p. 52).

O ato que aconteceria dia 10 de abril foi transferido para o dia 1 de maio, e tornou-se a maior concentração popular já vista em João Pessoa, contando com a presença de mais de vinte mil camponeses que vinham de todos os lugares e chegavam ao montes em caminhões, ônibus e trens, assim como pessoas de João Pessoa, Bayeux, Cabedelo, carregando faixas de protesto contra a morte de João Pedro.

A morte de João Pedro também teve muita repercussão na Assembleia e um dos primeiros Deputados a denunciar o assassinato, foi o Deputado Petrônio Figueiredo que descreveu o assassinato de João Pedro como bárbaro trucidamento, e pediu para que o

governo do Estado tomasse alguma providência, para que os mandantes e os assassinos fossem presos. Em resposta à petição de Petrônio Figueiredo, Vital do Rego expôs as medidas que iriam ser adotadas pelo governador Pedro Godin. Segundo ele, iriam apurar os fatos e determinar que os que foram responsáveis pela morte de João Pedro iriam responder pelo crime independente da posição social.

No dia do enterro de João Pedro Teixeira, algumas pessoas foram ouvidas, dentre elas estava o pai de Elizabeth que afirmou saber das brigas entre o genro e Antônio Victor. Outro depoimento foi de suma importância da senhora Joana Bernardo que afirmou ter visto três vaqueiros correndo dentro das plantações logo após ter ouvido os tiros, e horas antes esses mesmos vaqueiros estiveram em sua residência pedindo água e procurando saber informações da região.

As investigações corriam e no sexto dia de investigação mais de trinta pessoas já tinham sido ouvidas, e a polícia continuava a buscar pista a respeito dos três vaqueiros. As investigações chegaram até o soldado Francisco Pedro da Silva, conhecido como Chiquinho, que ao ser preso denunciou todos os que estavam envolvidos no crime, inclusive seus mandantes. Por meio do depoimento do soldado Chiquinho, o soldado Antônio Alexandre também foi preso acusado de ter efetuado os disparos. A notícia das prisões se espalhou e, ao saber, o vaqueiro Arnaud Claudiano fugiu. Em uma coletiva realizada pela rádio Tabajara o soldado Chiquinho confessou tudo e apontou os outros assassinos.

Érico Santiago, Promotor de Sapé na época, denunciou os autores e os mandantes do crime no dia 30 de maio. Teve como mandante Pedro Ramos Coutinho, Aguinaldo Veloso Borges, Antônio Victor, e outros que eram conhecidos como o grupo da Várzea. O promotor pediu prisão imediata, mas a reação dos advogados também foi imediata: recorreram ao tribunal com o pedido de Habeas-corpus que foi prontamente atendido, pondo em liberdade os mandantes do crime. Quanto aos assassinos foram a júri popular e foram absolvidos por unanimidade, já que “os grandes” eram quem controlavam os jurados.

O Juiz Walter Rabelo em seu livro “Anotações de um Juiz de Direito”, 1960 a 1985, diz:

No meu entender, todos os indiciados deveriam ser levados ao julgamento popular, porém o Egrégio Tribunal entendeu o contrário e, assim, mais uma vez, os ricos são protegidos do rigor das leis. Realizado o júri, os dois autores materiais presos (já expulsos da Polícia) foram absolvidos por unanimidade; o que não nos surpreendeu. Os grandes do lado de fora, controlam os jurados. [...] (LEMOS; PORFÍRIO E WALDIR,2013 p.76).

Alexandre e Chiquinho foram a julgamento novamente em 1963, e foram condenados com unanimidade dos votos. Porém, sob o comando da ditadura militar, em 8 de março de 1965, foram absolvidos.

3.3 REPERCUSSÕES DA MORTE DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

A morte de João Pedro repercutiu no cenário regional, nacional e internacional. Vários jornais paraibanos e de todo País, não paravam de publicar e relatar sobre a morte de João Pedro, o assassinato também foi notícia em países do exterior. O jornal New York Times trouxe uma publicação na primeira página noticiando o assassinato de João Pedro, baseando-se em publicações do jornal A União, já que esse jornal enviara notícias para todos os jornais do país.

Um mês depois da morte de João Pedro, Elizabeth foi convidada para ir até à sede da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro, para receber algumas homenagens e protestar contra a violência no campo. Elizabeth também recebeu apoio de Fidel Castro. Em telegrama enviado a Elizabeth, Fidel Castro dizia que tinha decretado um dia nacional do luto em homenagem a João Pedro Teixeira.

Os convites para Elizabeth chegavam de todos os lugares. A solidariedade a ela por parte de estudantes, deputados, camponeses, intelectuais foi muito grande.

Elizabeth Teixeira passou a ser presidente da Liga Camponesa de Sapé, em 1962, pouco tempo depois do assassinato do Marido e assim continuou até 1964. Ela sofreu muita repressão da polícia. Ela relata que muitas vezes teve que caminhar entre fileiras de soldados que atiravam bem próximo aos seus pés na tentativa de intimidá-la, mas nunca conseguiram.

Em 1964 Elizabeth estava na Galileia gravando o filme *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho que contaria a história de João Pedro Teixeira e de sua família. Quando eles estavam no meio das filmagens aconteceu o golpe militar. Eles foram avisados que o Exército estava à procura deles e tudo foi deixado para trás, fugindo pela mata até conseguir chegar a Recife, de onde cada um tomou um rumo. Quando as pessoas sabiam quem era Elizabeth, ninguém queria lhe esconder por medo da repressão; ela ainda conseguiu ficar uns dias escondida em Jaboatão, mas logo teve de sair de lá e resolveu se apresentar à polícia, pois estava muito preocupada com os filhos.

Quando Elizabeth foi se apresentar à polícia, foi logo presa e só depois de três dias foi interrogada. Ela ficou presa por quase quatro meses, mas como não foi encontrado nada que

pudesse lhe enquadrar na lei, foi solta. Voltou para a casa de seu pai, mas com medo de ser presa novamente fugiu levando consigo apenas seu filho Carlos, o mais novo; os outros filhos tinham se dividido aos cuidados dos irmãos e tios.

Com o golpe militar ficou proibido qualquer atividade das Ligas Camponesas; até mencionar o nome das Ligas era proibido.

Depois do golpe militar a repressão do campo foi muito difícil. A polícia entrava na casa dos camponeses e aquele que tivesse a carteirinha das Ligas Camponesas era preso, torturado e muitas vezes até morto. O medo se espalhou por entre os camponeses e aqueles que tinham a carteirinha das Ligas tentavam logo dar um fim nela. Com o fim das Ligas, os latifundiários não tinham nada a intimidar-se e expulsavam o homem do campo sem nenhum direito, por isso o homem do campo começou a migrar para as cidades, pois não tinha mais como sobreviver no campo.

O golpe militar restabeleceu a ordem latifundiária. Foi desencadeada uma repressão ferrenha ao movimento camponês. As principais lideranças foram presas: Assis Lemos, Elizabeth Teixeira, Pedro Fazendeiro, João Alfredo Dias, Ofélia Amorim, Antonio Fernandes (prefeito e dirigente da Liga de Rio Tinto) e tantos outros, que direta ou indiretamente estavam envolvidos com as ligas camponesas[...] (TARGINO; MENEZES E MOREIRA, 2009, p.113).

Elizabeth foi até Recife, já que ela estava sendo procurada e se ficasse na Paraíba seria pega. De Recife ela foi para o Rio Grande do Norte, trabalhar apanhando feijão. Seu filho Carlos logo teve que trabalhar para ajudar na renda. Logo a safra do feijão acabou, Elizabeth mudou-se para o município de São Rafael e foi trabalhar como empregada doméstica, depois foi dar aulas às crianças. Elizabeth viveu na clandestinidade por 17 anos com o nome de Marta Maria da Costa.

Anos depois Elizabeth foi descoberta. A notícia de quem ela era se espalhou por São Rafael. Uma turma de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte fretou um ônibus para ir prestar solidariedade a ela. Carlos reencontrou Eduardo Coutinho que já estava à procura de Elizabeth para terminar o filme *Cabra Marcado para Morrer*. Antes de voltar para a Paraíba eles concluíram o filme que ficou 17 anos paralisado. Eduardo Coutinho reuniu Elizabeth com seu filho Abrão, que logo convidou sua mãe para morar com ele e assim ela ficou até 1985.

3.4 MEMORIAL DAS LIGAS CAMPONESAS

O memorial das Ligas Camponesas foi fundado no ano de 2006, localizado no sítio Barra de Antas, município de Sapé – PB. Tem como objetivo preservar a história das Ligas Camponesas e de seus fundadores, relembrando a suas histórias de lutas. O Memorial foi construído para manter viva essa história de luta e sofrimento.

Segundo o presidente do Memorial, Luiz Damázio de Lima, a ideia de criar o Memorial surgiu em 2006, já que o golpe militar silenciou por tantos anos essa história de luta. O Memorial foi criado para preservar a história da Liga de Sapé e a vida de João Pedro Teixeira, bem como para tornar sua história conhecida para a nova geração.

No ano de 2012, ano que completou 50 anos da morte do líder camponês, ONGS, Universidades, Governo do Estado da Paraíba e a Prefeitura de Sapé organizaram um grande evento em homenagem ao líder camponês, quando foram programadas e realizadas várias atividades. As atividades começaram no Cemitério onde João Pedro foi sepultado, e do cemitério percorreu as ruas da cidade indo até à Praça João Pessoa, localizada no centro da cidade, onde aconteciam os atos públicos, os comícios. O evento no dia 2 de abril é realizado todos os anos, mas o ano do cinquentenário foi marcado por um importante acontecimento, o governo da Paraíba desapropriou a casa onde João Pedro morou com sua família, a qual será transformada em um Museu.

O Memorial das Ligas Camponesas já vinha organizando documentos, publicações e objetos que resgatam a história das Ligas Camponesas e todo este acervo se encontravam em um imóvel cedido pela Igreja Católica. No evento se fizeram presentes muita gente, estudantes e professores, religiosos, camponeses, o Prefeito de Sapé, João Clemente Neto, e o Governador do Estado da Paraíba, Ricardo Coutinho. Uma exposição foi montada na Escola com vários ambientes que contava a história das lutas camponesas em Sapé.

Também esteve presente Elizabeth Teixeira viúva de João Pedro Teixeira relatando a sua luta, suas histórias, o sofrimento de ficar com 11 filhos quando seu esposo foi morto.

4. MATERIAL DIDÁTICO

4.1 TEXTO PARA AULA SOBRE AS LIGAS CAMPONESAS

Este quinto capítulo é diferente dos demais, pois tem o objetivo de auxiliar o professor de sociologia com uma temática que não está presente nos livros didáticos de Sociologia, apresentando a história das Ligas Camponesas no Nordeste e em especial na Paraíba.

Antes de ir às salas de aula, já havia me questionado algumas vezes sobre a falta das temáticas dos Movimentos Sociais do Campo, nos conteúdos dos livros didáticos. Essa preocupação resultou na construção desse capítulo, que foi construído antes das aulas do estágio. O estágio para mim funcionou como um teste para saber se o texto produzido surtiria efeito em sala de aula tal como havia pensado.

No decorrer da disciplina de Estágio Supervisionado II, fomos às escolas de Sumé com a incumbência de fazer intervenções nas salas de aula. O tema escolhido para mim pela professora do estágio foi à temática dos Movimentos Sociais.

Na primeira aula percebi que os alunos tinham alguns conhecimentos sobre o tema Movimentos Sociais, conversando com a turma percebi que, sobre os Movimentos Sociais do campo eles não tinham nenhum conhecimento.

Na minha terceira e última aula resolvi apresentar a turma do 2º ano E a história das Ligas Camponesas. Perguntei aos alunos se eles já tinham ouvido falar em Ligas Camponesas, o resultado foi o que idealizei ninguém sabia ou tinha ouvido falar nas Ligas Camponesas.

Então eu usei o material que havia preparado, ministrei a aula para os alunos do 2º ano da escola José Gonçalves, que se mostraram bem interessados no assunto, fizeram perguntas e questionamentos. O material preparado por mim surtiu efeito positivo durante o meu estágio.

4.2 AS LIGAS CAMPONESAS

As Ligas Camponesas são associações do campesinato, ou seja, associações de trabalhadores rurais. A primeira Liga Camponesa do Brasil surgiu no estado do Pernambuco, no município de Vitória de Santo Antão, ano de 1955, e ficou conhecida como Sociedade Agrícola dos Plantadores de Pernambuco.



Primeira sede da sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco.

Os camponeses que viviam no engenho da Galileia, localizado no município de Vitória de Santo Antão, viviam uma difícil situação. Quando começavam a trabalhar para os senhores de engenho, os camponeses podiam morar em um pequeno “pedaço de terra”, os sítios onde poderiam construir uma casa de taipa, nunca de tijolos, também não podiam criar animais ou plantar árvores frutíferas, nada que lhes desse ligamento por muito tempo ao lugar; eles só podiam plantar na pequena faixa de terra ao redor da casa.

A princípio, as Ligas Camponesas da Galileia surgiram para formar um fundo para comprar caixões para enterrar as pessoas, pois os camponeses não tinham condições de comprá-los. Então, a prefeitura emprestava um caixão, onde o camponês poderia velar o seu parente, mas ele não poderia ser enterrado nele, pois após o velório o caixão tinha que ser devolvido à prefeitura. Esse fundo também serviria para fundar uma escola para que os filhos dos camponeses pudessem estudar. O engenho da Galileia negava aos seus trabalhadores uma escola, o que ia contra a lei federal que obriga que os estabelecimentos rurais com mais de cem trabalhadores possua uma escola gratuita.

Havia várias formas de exploração contra o camponês, mas duas se destacavam, a existência do cambão e do foro. O cambão se referia aos dias que o camponês trabalharia de graça para o patrão, isso poderia ser um dia ou dois, e há casos que ele tinha que trabalhar de graça até três dias. O camponês tinha por obrigação cuidar primeiro das plantações do senhor e só depois poderia cultivar o pequeno pedaço de terra, onde o senhor permitia que ele morasse e plantasse.

O foro era um imposto pelo uso da terra do senhor. O camponês deveria pagar ao senhor um imposto pela terra que ele morava e plantava. Os camponeses pagavam o foro com o cambão, ou seja, para pagar o aluguel da terra eles trabalhavam de graça nas terras do patrão, os camponeses queriam que o foro fosse pago em dinheiro e não por meio do cambão.

Os camponeses, sujeitos a todos os tipos de exploração e descaso, resolveram procurar um advogado que os defendessem e acabaram chegando ao escritório de Francisco Julião, advogado e também deputado pelo Partido Socialista.

Francisco Julião aceitou defender os camponeses de graça já que eles não poderiam pagar. Ao analisar o caso, percebeu que casos idênticos começaram a surgir por outros estados, como Rio de Janeiro, Paraná e Paraíba.

A LIGA DE SAPÉ

O núcleo mais expressivo das Ligas Camponesas na Paraíba foi o núcleo de Sapé, criado em 1958 como Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé. No início da década de 1960, tornou-se uma das mais expressivas do Brasil, chegando a ter cerca de 10 mil associados.

A Liga de Sapé também surgiu com o intuito combater injustiças que aconteciam em grande quantidade, no meio rural, além de tentar combater o foro e o cambão, e todas as formas de violências sofridas pelos camponeses: violência física, simbólica, moral. Uma das principais lutas da Liga Camponesa de Sapé era a luta contra as expulsões das fazendas que aconteciam frequentemente na região sem dar nenhum direito aos trabalhadores. Muitas vezes, o proprietário colocava os animais no roçado e não deixava a família fazer a colheita, fruto de um ano de trabalho. Como se não bastasse, os camponeses não recebiam nenhuma indenização pelos frutos de seu trabalho e mesmo que fossem reivindicar, eram vítimas de violências físicas, como espancamentos e até mesmo a morte.

A existência dos barracões era algo que prendia os camponeses aos donos das terras. Os barracões eram uma espécie de centro de comércio que pertencia aos patrões e os camponeses eram obrigados a comprar os seus mantimentos nesses barracões, já que não recebiam seus pagamentos em dinheiro, mas sim em uma espécie de vale o qual deveria ser trocado nos barracões.

Os preços das mercadorias nos barracões eram altíssimos e sempre ficavam acima do que o camponês podia pagar; até as ferramentas que eram usadas para cultivar as terras dos Senhores eram compradas nos barracões, fazendo com que o camponês estivesse sempre endividado com o patrão e se tentasse ir embora era preso, torturado e às vezes até morto.

A Liga Camponesa surgiu para conscientizar os camponeses de que eles também tinham direitos, para dar assistência aos camponeses: assistência jurídica, médica. Os

camponeses passaram a entender que a exploração que eles sofriam era algo terrível e sub-humano.

João Pedro Teixeira foi o responsável por fundar a Liga Camponesa de Sapé, João Pedro Teixeira nasceu em 1918 no distrito de Pilões, município de Guarabira (PB) desde muito cedo viveu na pele as agressões e os conflitos causados pelos latifundiários, pois também era um camponês. Lutou junto ao homem do campo e por isso fez muitos inimigos; latifundiários da região não gostavam de João Pedro, porque ele era o líder das Ligas, era ele quem conscientizava o homem do campo dos seus direitos e da violência que sofriam.



JOÃO PEDRO E SUA FAMÍLIA.

A casa de João Pedro vivia rodeada de capangas a mando dos latifundiários da região, pedras eram lançadas nas portas de sua casa, por diversas vezes foi preso e espancado, já que a polícia ficava sempre do lado dos mais poderosos.

A Liga de Sapé ganhou mais visibilidade quando o seu líder João Pedro foi brutalmente assassinado no dia 02 de Abril de 1962, a mando dos latifundiários da região. Uma emboscada foi montada para assassinar João Pedro. Os assassinos eram dois policiais e um vaqueiro da região.



João Pedro Teixeira morto.

REPERCUSSÕES

Logo após o assassinato de João Pedro o cineasta Eduardo Coutinho procurou a viúva Elizabeth com o intuito de fazer um filme contando a vida de João Pedro, sua história e suas

lutas, mas quando ainda estavam filmando aconteceu o golpe militar e o filme foi parado na metade da gravação.

O Golpe Militar de 1964 proibiu o funcionamento das Ligas Camponesas e vários membros foram presos, assassinados, alguns são desaparecidos até os dias de hoje. Elizabeth foi presa por quase quatro meses, depois foi liberada, mas com medo de ser presa novamente, fugiu levando apenas um dos filhos os outros ficaram sendo cuidados pela família.

Elizabeth ficou vivendo na clandestinidade por 17 anos. Ela adotou o nome falso de Marta Maria da Costa, para que dificultasse a polícia de encontrá-la. Toda a sua família pensava que ela tinha sido pega pela ditadura e que estivesse morta. Passados 17 anos Elizabeth foi encontrada no município de São Rafael, no Rio Grande do Norte, pelo cineasta Eduardo Coutinho que lhe propôs terminar o filme que havia sido interrompido com a ditadura, após acabarem o filme *Cabra Marcado Para Morrer*, Elizabeth retorna à Paraíba onde reencontrar seus filhos e amigos.

4.3 MATERIAL DE APOIO

Documentário “**Cabra Marcado Para Morrer**”, do Cineasta Eduardo Coutinho. No início da década de 1960, um líder camponês, João Pedro Teixeira, é assassinado por ordem dos latifundiários do Nordeste. As filmagens de sua vida, interpretada pelos próprios camponeses, foram interrompidas pelo golpe militar de 1964. Dezesete anos depois o diretor retoma o projeto e procura a viúva Elizabeth Teixeira e seus dez filhos, dispersados pela onda de repressão que seguiu ao episódio do assassinato. O tema principal do filme passa a ser a trajetória de cada um dos personagens que, por meio de lembranças e imagens do passado, evocam o drama de uma família de camponeses durante os longos anos do regime militar.



Documentário **“MEMORIAS CLANDESTINAS”**. Conta a história de Francisco Julião, advogado das Ligas Camponesas da Galileia, atuação de Alexina Crespo, esposa de Francisco Julião e sua família, nas Ligas Camponesas, luta armada e exílio. Em paralelo, revela aspectos relevantes da história recente do Brasil, do golpe militar de 1964. Direção: Maria Thereza Azevedo, lançado em 2004.

“O MEMORIAL DAS LIGAS CAMPONESAS”. Fundada em 2006, e com sede no Povoado de Barra de Antas, município de Sapé – PB, a ONG MEMORIAL DAS LIGAS CAMPONESAS nasce do empenho de um coletivo formado por Trabalhadores e Trabalhadoras do Campo, com a efetiva colaboração de agentes pastorais (principalmente da CPT), de militantes de movimentos sociais populares do campo, de professores e estudantes extensionistas ligados à UFPB e de outros profissionais comprometidos com a causa camponesa, entre outros.



Memorial das Ligas Camponesas,
Barra de Antas Município de Sapé

Livro **“EU MARCHAREI NA TUA LUTA”**. O livro conta a história de Elizabeth Teixeira, desde seu nascimento e casamento com João Pedro Teixeira e todo sofrimento que tiveram que enfrentar, até O Golpe Militar de 1964.

No dia do cinquentenário do assassinato de João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas da Paraíba, foi lançada em praça pública a 2ª edição do livro EU MARCHAREI NA TUA LUTA, que conta a História da Liga de Sapé, através da trajetória vivida por dois de seus líderes, Elizabeth e João Pedro Teixeira.

A memória das lutas das Ligas foi reavivada neste dia. Houve em Sapé intensa programação. Durante todo o dia manifestantes vindos de vários estados brasileiros, estudantes, trabalhadores, índios, mas especialmente camponeses da Paraíba e do Nordeste cumpriram intensa programação.

2



² Saiba Mais em: <http://www.ligascamponesas.org.br>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborarmos este trabalho tínhamos a finalidade tornar a história das Ligas Camponesas conhecida entre os alunos do ensino médio, perceber a contribuição das Ligas Camponesas para Sociologia bem como observar como os conteúdos dos movimentos sociais rurais são trabalhados no livro didático.

Percebemos que a história das Ligas Camponesas é pouco conhecida pela nossa sociedade. As Ligas Camponesas foram movimentos de extrema importância e contribuíram muito para os movimentos sociais rurais, pois o que se ouve sobre reforma agrária, teve como mediadora as lutas e ações das Ligas Camponesas.

Observamos também, através de uma análise dos livros didáticos de Sociologia, que o tema movimentos sociais é trabalhado em apenas um livro dos dois adotados pelo MEC, e os movimentos sociais rurais quase não são trabalhados. Comenta-se um pouco sobre o MST, mas não o suficiente para explicar essa história de luta por Reforma Agrária. Nelson Tomazi também faz um breve comentário sobre as Liga Camponesas no capítulo 17: Movimentos Sociais no Brasil. Fala o local do surgimento, que o movimento surgiu para responder a exploração que os camponeses sofriam, mas nada que venha chamar a atenção dos alunos.

No último capítulo desse trabalho nos dedicamos a elaborar um material didático para ser utilizado nas aulas de Sociologia, direcionado a contar a história das Ligas Camponesas desde seu surgimento até a morte de João Pedro Teixeira e a inauguração do Memorial das Ligas Camponesas, localizado em Barra de Antas, município de Sapé. Esse material poderá auxiliar o professor de Sociologia do semiárido em suas aulas, já que é um material contextualizado para nossa região e ajudará os alunos do Ensino Médio a conhecer essa história tão marcante de lutas, sofrimentos e resistência.

Vale também ressaltar a dificuldade de encontrar materiais que abordem a temática das Ligas Camponesas, principalmente na Paraíba, mas foi um trabalho muito gratificante poder contar essa história de luta de poder e ver de perto onde essa história se passou. Tive a oportunidade de visitar novamente a cidade de Sapé para lembrar os 52 anos de morte do Líder João Pedro Teixeira e dessa vez já conhecendo um pouco da história; de poder entrar com calma no Memorial das Ligas Camponesas e saber que ali, naquela casa simples, foi onde tudo começou: foi ali que João Pedro começou a dar os primeiros passos dessa história, onde as reuniões aconteciam.

Outro fato bastante emocionante foi à caminhada que aconteceu do posto de Café do Vento até o local onde João Pedro foi assassinado, regada por muitas músicas e a todo tempo as pessoas lembravam a importância de João Pedro.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes Maria; MIELÈ, Neide; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Eu Marcharei na tua luta! A vida de Elizabeth Teixeira**. 2ed Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa: 1979.
- BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em marcha**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra 1985.
- BOMENY, Helena. MEDEIROS, Bianca Freire. O'DONNELL, Julia. EMERIQUE, Raquel. **Tempos Modernos, tempos de sociologia**. Rio de Janeiro, Editora do Brasil, 2010.
- CARNEIRO, Ana; CIOCCARI, Marta. **Retrato da Repressão Política no Campo – Brasil 1962-1985 – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos**. 1ed Brasília: MDA, 2010.
- CHEVITARESE, André Leonardo. **O Campesinato na História**. Rio de Janeiro: Relume Dumára: FAPERJ, 2002.
- DIAS, Emerson. **Conflitos e contradições nas raízes dos Movimentos Sociais rurais brasileiros**. Londrina 2000. [S.I].
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9069/7610> Acessado em 24 de fevereiro de 2014 às 18h:20min.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6 ed. Porto Alegre.2012
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar projeto de Pesquisa**. 4° ed. São Paulo: Atlas 2002. In [S.I] < <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/> acessado em 14 de setembro de 2013 às 20h:00min.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 2 ed. São Paulo 1997.
- LEMOS, Assis; PORFÍRIO, Waldir. **João Pedro Teixeira a Saga de Um Mártir**. Campina Grande:EDUEPB,2013
- Memorial das Ligas Camponesas**: [S.I] <<http://www.ligascamponesas.org.br/> acessado em 21 de fevereiro de 2014 às 21h40min.

PNLD, **Guia de Livro Didático**. Brasília 201.[S.I] <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guia-do-livro/item/> acessado em 13 de abril de 2014 às 18h30min.

RODRIGUES, Almeida Lúcio Flávio. **MOVIMENTO SOCIAIS NO BRASIL**. [S.I].<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9195/7790/> Acessado em 22 de fevereiro de 2014 às 11h: 05min.

TARGINO, Ivan. MOREIRA, Emília. MENEZES, Marilda. **As Ligas camponesas na Paraíba: Um Relato a partir da Memória de seus Protagonistas**. Ruris, v.5 n.1.2011. .[S.I] <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/962> Acessado em 8 de Junho de 2013 às 20h:15min .

TOMAZI, Nelson Dácio. **Sociologia para o ensino médio**. 1ed.São Paulo: Atual, 2007.

WELCH, Clifford; MALAGODI, Edgard; CALVACANTI, S. B. Josefa; WANDELEY, Maria de Nazareth. **Camponeses Brasileiros: Leituras e interpretações clássicas**. Vol.I', Brasília DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, Editora UNESP. 2009